



SOCIEDADE ABERTA

Privatizações: quem quer comprar?⁽¹⁾



Eugénio Viassa Monteiro

Professor da AESE,
Presidente da AAPI
e autor do livro 'O
Despertar da Índia'

Sucedem-se notícias de aquisições de diversas empresas norte-americanas, europeias e do Médio-Oriente, sólidas ou assim consideradas, por grupos económicos orientais, nomeadamente indianos e chineses.

Depois da aquisição dos 21% da EdP pelos chineses e, antes, da compra da Zain pela Airtel, dando telefonia móvel a 16 países africanos, da compra da Arcelor pela Mittal, da

Corus e Jaguar pela Tata, surgem novas possibilidades. A Europa que optou por aplicar a sua riqueza no cimento e alcatrão, tem agora de se empenhar ou, não sendo possível, de vender. O que nada tem de desastroso; também as famílias enriquecem, aprendem a gastar alegremente e ficam pobres; o ciclo repete-se. Cada geração tem de aprender por si; nunca aprende das gerações anteriores, por mais inteligente que seja.

Os compradores, hoje, estão sobretudo nos chamados BRIC-Brasil, Rússia, Índia e China, pois são quem tem dinheiro amealhado, dimensão e têm um crescimento rápido. E, por isso, parece lógico que se lhes dê especial atenção, promovendo intensamente o nosso País e as empresas a vender proximamente, neles, depois de escolher o(s) país(es) alvo. Não vá acontecer que promovamos na China e por algum motivo não nos caíam bem os chineses: pela falta de democraticidade, ou por terem os olhos a dormir... Escolhendo bem os alvos, e fazendo a diplomacia económica funcionar com diligência, talvez possamos vender melhor e a quem nos merece mais consideração.

Anunciou-se há uns meses que os Aeroportos de Madrid e Barcelona foram autorizados a vender 90,05% do seu capital. O GMR Group, de Bangalore, que construiu e opera os aeroportos de Hyderabad em regime ppp-parceria público-privada; e o terminal 3 do aeroporto de Delhi; fez 'revamping' do aeroporto de Istambul que actualmente explora; e está a ampliar o aeroporto de Male (Maldivas), terá manifestado a expressão do seu interesse (Eoi) na aquisição do Aeroporto de Madrid. O GMR está também em conversações para a construção de vários aeroportos na Indonésia e um na fronteira da Tanzânia e do Quênia.

As empresas indianas investiram no estrangeiro cerca de \$44.000 milhões no ano fiscal 2010/11, quando no ano anterior, apenas \$18.000 milhões. Segundo o Reserve Bank of India, só em Julho de 2011 houve cerca de 270 investimentos no exterior. A previsão é de que no ano 2011/12 se apliquem mais de \$50.000 milhões em aquisições, pois além de os investimentos no exterior estarem a ser mais facilitados, há ainda a convicção generalizada de que o crescimento das empresas indianas terá de se fazer pela participação no mercado global. Daí querer estar em mercados muito competitivos, com acesso às tecnologias de ponta e a mercados ricos.

A economia indiana vem atrasada no tempo. Contudo, não lhe falta um forte ímpeto para se globalizar com rapidez, à medida que vai adquirindo experiência e aumentando as vendas. Em geral, são empresas com dono, privadas, sem dinheiro para malbaratar e onde a aprendizagem é peça chave, para depois as gerir bem. Cerca de 15% das empresas indianas já têm presença em mercados internacionais e espera-se que mais 30% o faça até ao ano 2016/17. No conjunto das novas empresas a aventurar-se na arena internacional estarão em grande número as PME. ■

(1) No 63º 'Dia da República da Índia', a 26-I-2012.